



VARIA

Justiça social e linguagem: a importância do pensamento de Fichte para a teoria crítica a partir dos anos 50

Social justice and language: The importance of Fichte's thought for critical theory since the 1950s

Justicia social y lenguaje: la importancia del pensamiento de Fichte para la teoría crítica desde la década de 1950 en adelante

Gabriela Nascimento Souza¹

orcid.org/0009-0003-9727-287X
gabrielansouzaa@gmail.com

Recebido em: 27 jul. 2025.

Aprovado em: 22 set. 2025.

Publicado em: 11 mar. 2026.

Resumo: A discussão sobre a justiça social possui o tema da linguagem como tópico importante para pensar a intersubjetividade. Tal afirmação é observada pela teoria crítica a partir da reabertura do Instituto de Pesquisa Social na Frankfurt de 1950, quando desaparece a pretensão de união entre pesquisa empírica e reflexão filosófica característica das décadas anteriores e emerge o interesse pela intersubjetividade da ação social. Essa nova direção é protagonizada por Habermas e pode ser entendida também como uma espécie de sintoma do que se entende por *virada linguística em filosofia*. A virada linguística inicia em meados de 1920, através da filosofia de Wittgenstein, e retoma, em muito, o pensamento idealista alemão. O presente texto aborda como o pensamento de Fichte, especialmente em *Da Capacidade Linguística e da Origem da Linguagem* (publicado originalmente em 1793), indispensável para o futuro acontecer da virada linguística em filosofia, apresenta-se também como de grande importância para a teoria crítica.

Palavras-chave: Fichte; teoria crítica; virada linguística.

Abstract: The discussion on social justice has the theme of language as an important topic for thinking about intersubjectivity. This is especially true of the reopening of the Institute for Social Research in Frankfurt in the 1950s, when the pretension of uniting empirical research and philosophical reflection characteristic of previous decades disappeared and interest in the intersubjectivity of social action emerged. This new direction is led by Habermans and can also be understood as a kind of symptom of what is understood as the *linguistic turn in philosophy*. The linguistic turn began in the mid-1920s, through the philosophy of Wittgenstein, and goes back a long way to German idealist thought. This text discusses how Fichte's thought, especially in *On Linguistic Ability and the Origin of Language* (1793), which was indispensable for the future development of the linguistic turn in philosophy, is also of great importance for critical theory.

Keywords: Fichte; Critical Theory; Linguistic Turn.

Resumen: La discusión sobre la justicia social tiene en el lenguaje un tema importante para pensar la intersubjetividad. Esto se observa en la teoría crítica a partir de la reapertura del Instituto de Investigación Social de Frankfurt en los años 50, cuando desaparece la pretensión de unión entre investigación empírica y reflexión filosófica característica de décadas anteriores y surge el interés por la intersubjetividad de la acción social. Esta nueva dirección fue encabezada por Habermans y puede entenderse también como una especie de sintoma de lo que se entiende como *el giro lingüístico en filosofía*. El giro lingüístico comenzó a mediados de la década de 1920 con la filosofía de Wittgenstein y se remonta muy atrás, al pensamiento idealista alemán. En este texto se discute cómo el pensamiento de Fichte, especialmente en *Sobre la capacidad lingüística y el origen del lenguaje* (1793), indispensable para el futuro desarrollo del giro lingüístico en filosofía, es también de gran importancia para la teoría crítica.

Palabras clave: Fichte; teoría crítica; giro lingüístico.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Erechim, Rio Grande do Sul, Brasil.

Introdução

A discussão sobre a justiça social possui o tema da linguagem como tópico importante para pensar a intersubjetividade. No universo da teoria crítica, essa afirmação de fácil constatação na atualidade começa a ser evidenciada no período pós-guerra. A partir da reabertura do Instituto de Pesquisa Social na Frankfurt de 1950, desaparece aquela pretensão de união entre a pesquisa empírica e a reflexão filosófica característica da teoria crítica dos anos 30 e 40, e emerge o interesse pela intersubjetividade da ação social. Essa nova direção do pensar é protagonizada por Habermas e pode ser entendida também como uma espécie de sintoma do que se entende por *virada linguística em filosofia*. A virada linguística dá seus primeiros sinais na história do pensamento em meados de 1920, através da filosofia de Wittgenstein, e retoma, em muito, o pensamento idealista alemão como um todo. O presente texto busca mostrar como o pensamento de Fichte, especialmente em *Da Capacidade Linguística e da Origem da Linguagem* (publicado originalmente em 1793), indispensável para o futuro acontecer da virada linguística em filosofia, apresenta-se também como de grande importância para a teoria crítica.

A argumentação presente divide-se em três seções principais: "A teoria crítica a partir dos anos 50"; "A virada linguística em filosofia e o resgate de Fichte"; "A importância do pensamento de Fichte para a teoria crítica a partir dos anos 50" – para deixar claro de que modo a concepção de Fichte sobre a linguagem como intrínseca e necessária para a convivência e avanços de um povo permeia as raízes do pensamento crítico sobre a intersubjetividade social. Nesse contexto, evidencia-se também como a virada linguística é um acontecimento histórico importante e presente para o pensamento sobre a justiça social,

que deixa heranças, em sua maioria, positivas para o pensamento atual da teoria crítica do direito. No texto de Rorty "Wittgenstein e a Virada Linguística" (publicado originalmente em 1967), torna-se evidente e assegurado o pensamento já esboçado por Fichte do estudo da linguagem como um estudo do comportamento linguístico na designação das ideias e das ações de uns para com os outros.

O texto de Fichte inicia com o fundamento da linguagem como um impulso humano acionado pela relação recíproca para tornar a si mesmo, as coisas e as relações entendíveis; evidencia a movimentação da liberdade no aceder da consciência; e mostra o desenvolvimento histórico da linguagem em graus que acompanham a complexificação das sociedades. Esse esforço fichteano interessa especialmente para a teoria crítica dos anos 50 porque ilumina o caminho do pensamento para a forma reflexiva da razão que permeia as discussões sobre a intersubjetividade nas relações entre teoria e prática no universo do direito. Dessa forma, tanto o pensamento sobre a justiça social quanto o pensamento sobre a elaboração de estratégias para uma sociedade mais justa encontram no estudo do comportamento linguístico um viés seguro para se efetivarem.

1 A teoria crítica a partir dos anos 50

O processo de dissolução do sentido das tentativas de união entre a pesquisa empírica e a reflexão filosófica é o ponto de partida para falar da teoria crítica dos anos 30 e 40². A crítica de Horkheimer à distância entre a pesquisa empírica e o pensamento filosófico tomou como norte a filosofia hegeliana³ e buscou os escritos epistemológicos do jovem Marx e de Luckács. Marcuse, por sua vez, norteou sua crítica pelo pensamento heideggeriano⁴. Destaca-se que, embora median-

² No texto de Axel Honneth sobre *Teoria Crítica* (1999), o pensador aponta que essa dissolução entre pesquisa empírica e a reflexão filosófica promove o aparecimento de duas vertentes da filosofia da história: uma demasiado positivista (buscando fatos separados de autoconfirmação filosófica) e outra demasiado metafísica (como é o caso de Max Scheler e Nicolai Hartmann, em que "a razão atrofia-se em mera especulação sobre a essência, visto que tal reflexão é independente de qualquer referência teórica à realidade histórico empírica") (Honneth, 1999, p. 507).

³ A qual representava, para Horkheimer, "a última tradição teórica na qual ambas as vertentes do conhecimento estavam fundidas num único modo de pensamento de tal maneira que a análise empírica da realidade coincidia com a concepção filosófico-histórica da razão" (Honneth, 1999, p. 507).

⁴ Partindo do "pressuposto de que as ciências empíricas – por intermédio de sua metodologia – são determinadas pelas demandas

te fontes diferentes, ambas as correntes da teoria crítica observam a necessidade de acrescentar ao pensamento histórico-filosófico a pesquisa social empírica, de modo que elas sejam articuladas da essência à concretude, dialeticamente, dando vida ao materialismo interdisciplinar.

Por forte influência do pessimismo schopenhaueriano, observada especialmente nos rumos do pensamento de Adorno e Horkheimer, a relação da teoria crítica com as estruturas do trabalho social pensadas histórico e epistemologicamente foi ganhando uma dimensão cada vez mais negativa. A posição da crítica da razão tornava-se "cética em relação ao progresso, e tão radical que podia também duvidar do valor cognitivo das disciplinas especializadas" (Honneth, 1999, p. 519). Com isso, o Instituto de Pesquisa Social direciona o pensamento ao "processo de civilização em seu conjunto como sistema de referência para sua teoria, na qual o fascismo aparece como a etapa histórica final de uma 'lógica da desintegração' presente mesmo na forma original da existência da espécie" (Honneth, 1999, p. 520). Essa lógica pode ser entendida dentro do contexto de ascensão do fascismo, mediante o qual já não era mais possível explicar o conflito entre as forças produtivas e as relações de produção, mas sim uma dinâmica interna da formação da consciência. Entra em cena então o conceito de "racionalidade instrumental", a partir do qual se explica "a origem e a dinâmica do processo filogenético de desintegração" (Honneth, 1999, p. 521). Nesse sentido, todo processo civilizatório fora compreendido como um processo de racionalização técnica, dentro de uma lógica de reificação, a qual explica-se como processo que "inicia com o primeiro ato de dominação da natureza e coaduna-se, em última instância, com as últimas conseqüências do fascismo" (Honneth, 1999, p. 522).

Essas ideias, muito brevemente esboçadas anteriormente, nascem na corrente de pesquisa do círculo interno da teoria crítica, constituído especialmente por Horkheimer, Adorno, Marcuse,

Löwenthal e Pollok. O círculo externo, constituído por Franz Neumann, Otto Kirchheimer, Benjamin e talvez Fromm, com influência de Walter Benjamin, colocava limites ao funcionalismo marxista do círculo interno, pois acreditavam que "as experiências sociais não são meras representações, insufladas de dinâmica intelectual, dos imperativos funcionais da sociedade, mas antes a expressão independente da capacidade de desenvolver uma imaginação coletiva" (Honneth, 1999, p. 532). Daí a atenção aos membros secundários do Instituto, como Habermas, que parecia tão distante do pensamento da tradição da teoria crítica, pois dava importância às áreas da antropologia filosófica, hermenêutica, pragmatismo e análise linguística, correntes estranhas à antiga geração que cercava Adorno, Marcuse e Horkheimer.

O que podemos extrair dessa enorme gama de teorias e correntes é que a teoria crítica em geral exige uma atenção permanente ao movimento de transformações da sociedade, da economia e da política e, conseqüentemente, uma análise que culmina em revisão e renovação constantes a fim de um pensamento apurado e coerente com o presente. Nesse processo de infinitas revisões, não há possibilidade de solidificação de uma teoria ou de outra. Tanto que, a partir dos anos 50, nota-se uma reviravolta importante no que concerne a uma das ideias centrais da teoria crítica, a saber: a característica fundamental da socialização humana. Enquanto para Adorno, Horkheimer e Marcuse ainda insurge a insistência na tese de que o traço característico do processo de socialização é "a operação continuamente expandida de transformar a natureza" (Honneth, 1999, p. 539), Habermas protagoniza a ideia de que "o fato de a garantia coletiva de existência material depender, desde o início, da manutenção momentânea de um acordo comunicativo" (Honneth, 1999, p. 539).

O pensamento de Habermas sobre o acordo comunicativo encontra-se no contexto de sua *Teoria da Ação Comunicativa* (publicado origi-

nalmente em 1981), marcada pelos resquícios da virada linguística em filosofia no universo da teoria crítica. Como veremos mais especificamente no próximo tópico, a virada linguística acontece quando a história do pensamento começa a levar a sério a relação entre teoria e prática pela relação entre ação e linguagem. O modo de pensar habermasiano relaciona esses âmbitos no contexto de uma teoria social, em que os sujeitos efetivam a capacidade de interação na busca reflexiva por objetivos como agentes de ação, ou seja, colocam em prática suas ações de natureza comunicativa.

Os rumos da teoria crítica, na esteira da ação comunicativa conceitualizada por Habermas, inserem-se no que o autor entende como "Mundo da Vida", uma rede de diálogos acordos e reflexões, um espaço de cultura, sociabilidade e subjetivação guiado pela racionalização como "um processo que atua sobre a comunicação cotidiana através da diferenciação do sistema de saber, afetando assim as formas de reprodução cultural, interação social e socialização" (Habermas, 1988, p. 104, tradução nossa). Por isso, a teia de reflexões geradas no espaço da teoria crítica recebe uma gama de conteúdo que reestruturará o pensamento crítico a respeito da sociedade como um todo.

Rainer Forst, estudioso e admirador do pensamento de Habermas, define a teoria crítica como "a forma reflexiva de uma razão efetiva historicamente" (Forst, 2018, p. 22), mostrando a importância do pensamento habermasiano para a reorganização da argumentação que persiste até os dias de hoje. Essas considerações sobre a teoria crítica, que dão início ao artigo presente, apresentam-se como prévia constatação da importância da ação na sociedade através do plano linguístico comunicativo na teoria crítica, destacando um encontro entre comunicação, linguagem e poder no espaço da criatividade e da racionalidade que emerge a partir dos anos 50.

2 A virada linguística em filosofia e o resgate de Fichte

Pode-se definir minimamente a virada linguística como um significativo movimento histórico do pensamento pós Segunda Guerra, a partir do qual as questões da sociedade humana (re)direcionam-se pelo viés da linguagem e do significado. Essa movimentação interessa na teoria crítica a partir dos anos 50 como um espaço de criação e racionalidade na construção de consensos discursivos e tem raiz oculta, porém definitiva e inegável, na filosofia da linguagem de Fichte⁵. No texto que aqui se apresenta, percebe-se a virada linguística como ponto de encontro entre a filosofia crítica e a filosofia da linguagem de Fichte, uma vez que a primeira retoma os princípios da segunda e permite a aproximação e a constatação da relação entre ambas.

Ao apresentar uma coletânea de artigos sobre a filosofia da linguagem em 1967⁶, Rorty parece irônico em relação ao grande passo da filosofia com a redescoberta da linguagem: essa "atenção dos filósofos [em] passar do tópico da experiência em direção ao do comportamento linguístico" (Rorty, 2007, p. 160), concomitante ao lugar originário da corrente analítica contemporânea em efervescência na época, que tem em seu centro a movimentação já traçada na filosofia dialética do idealismo alemão. Tal evidência mostra-se na tentativa de Rorty de alcançar uma compreensão correta da filosofia de Wittgenstein através da relação intrínseca entre o movimento do mundo e o movimento linguístico. Para Rorty, o caminho de uma interpretação coerente da essência da filosofia da linguagem de Wittgenstein teria sido esboçado na argumentação de Conant, por isso cita-o em *Elucidação e Nonsense*⁷: "O objetivo [do Tractatus] é o de mostrar-nos que para além dos 'limites da linguagem' jaz, não a verdade inefável, mas sim ... *einfach Unsinn*, simplesmente o sem sentido (*nonsense*)" (Conant, 2005, p. 194 *apud* Rorty, 2007, p. 175). Tal objetivo persiste no segundo Wittgenstein, radicalizando-se numa espécie

⁵ Deve-se o *insight* para esse texto à ideia desenvolvida por Eduardo Luft de uma evidente antecipação da virada linguística em Hegel. Ver mais em Luft (2021).

⁶ Ver mais em Rorty (1967).

⁷ Ver mais em Conant (2005).

de holismo semântico, quando no *Livro Azul* (1934) coloca a vida da linguagem como constituinte do contexto social da vida humana: "compreender uma sentença significa compreender uma linguagem. Enquanto parte de um sistema de linguagem, pode-se dizer, uma sentença tem vida" (Wittgenstein, 1984, B. 5, p. 21)⁸.

Conforme Rorty, na visão pragmatista da filosofia wittgensteineana, os positivistas consideraram uma diferença entre o progresso em ciência empírica e o progresso em filosofia, e não era o caso, o de mudar totalmente uma abordagem ou ideias que eram erradas, mas, sim, de reorganizá-las na evidência da necessidade reivindicada pelo momento histórico⁹. Nesse contexto, substituir ideias boas por ideias melhores significa que ideias melhores seriam ideias relacionais que se distanciassem dos dualismos entre vida do mundo e vida da linguagem:

Wittgenstein parece ter [*seems to have*] pensado que a necessidade em adentrar para além do que se pode proferir [*effable*], necessidade de romper com a linguagem em direção a algo melhor, era algo mais do que simplesmente uma forma relativamente fora do comum de neurose obsessiva – uma a qual ele mesmo partilhava com outros desafortunados. Aparentemente, ele acreditava que ela (a linguagem) fazia parte da condição humana. Pensou que poderíamos vir a entender melhor o que é ser um ser humano ao olharmos mais perto os resultados do sucumbir a esta necessidade (Rorty, 2007, p. 174).

A ideia de uma condição humana como necessidade comunicativa através da linguagem fora acionada por Rorty como ponto central para compreender Wittgenstein e apreender o real sentido da virada linguística em filosofia. A relação entre linguagem e movimento humano, que limita a nossa reflexão ao proferível, aproxima-se da ideia de Fichte da necessidade natural humana de satisfazer o impulso [*Trieb*] de fazer-se entender no "encontrar conformidade à razão fora de si", trazida pelo idealista alemão no seu texto *Da Capacidade Linguística e da Origem da Lingua-*

gem (1793): "Através do vínculo com os homens é, pois, despertada em nós a ideia de anunciar [*landeuten*] nossos pensamentos uns para os outros através de signos arbitrários – numa palavra: a ideia da linguagem" (Fichte, 2017, p. 20). O que Wittgenstein abordará, portanto, tem como núcleo o que já fora muito bem trabalhado por Fichte em outro momento, a saber: que a vida humana se dá intersubjetivamente no movimento estrutural da língua.

O idealismo subjetivista de Fichte concebe, a partir da ideia de impulso, que a consciência se desenvolve concomitantemente à linguagem, e que por isso expressa o que nela há de mais íntimo: o movimento da liberdade. Evidencia-se uma movimentação única da liberdade no desenvolvimento da linguagem concomitantemente ao reconhecimento do ser humano como um ser consciente. A proposição principal da consciência, o "Eu Sou Eu" de Fichte, admite-se na movimentação da liberdade, que é acionada pela linguagem. Pode-se afirmar que o Eu aquiesce à consciência e encontra-se livre quando algo lhe é comunicado por outro Eu através de um signo.

[...] podemos apreender esse "nos encontramos livres" somente quando nos contrapomos um outro ser livre fora de nós, o qual produz em nós a representação da nossa liberdade. [...]. Tão certo quanto eu aceda à consciência, tão certo é que eu ajuize que algo me é comunicado – um conceito – e isso é possível apenas através de um signo. [...] Portanto, o caráter do signo é a condução da liberdade através da liberdade, ou a condução da livre reflexão do outro para o conhecimento (Fichte, 2017, p. 52, 53).

Ainda que se radicalize o idealismo para o lado subjetivo do pensamento, cabe ressaltar a importância da abordagem fichteana para o acontecer da linguagem na intersubjetividade. Fichte acompanha o movimento de despertar da consciência no acontecer necessário da linguagem, como um processo histórico inevitável de designações.

No início do convívio entre os seres humanos,

⁸ Já no *Tractatus* (1921), Wittgenstein (1984, B. 1, p. 20) abordou que "apenas a proposição tem sentido [Sinn]; somente num contexto de proposição o nome tem significado [Bedeutung]".

⁹ "O dualismo cartesiano, o fundacionismo epistemológico e a distinção fato-valor não incorporam erros categóricos, nem são resultados de confusão conceituais. Elas incorporaram ideias que desempenharam uma parte importante no progresso intelectual" (Rorty, 2007, p. 165, 166).

quando a luta pela sobrevivência era o grande interesse, começou a desenvolver-se uma linguagem de imitação da natureza. O pensamento fichteano tem o objetivo de observar o nascimento da linguagem desde os primórdios e atestá-la como movimento que vai se complexificando, assim como o nascimento e o desenvolvimento das sociedades. O conceito de "imitação" [*Nachahmung*] está dentro do contexto do impulso [*Trieb*] fichteano de trazer as coisas ideais sempre mais próximas das reais, ou vice-versa. Antes do desenvolvimento dos signos mais complexos, que são as expressões do pensamento que buscam a aproximação entre real e ideal, o homem desenvolveu uma linguagem imagética, a linguagem da livre imitação da natureza. Essa linguagem é nomeada por Fichte como "linguagem dos hieróglifos":

Assim como a natureza designava algo para os homens pela vista e pelo ouvido, assim também eles tinham que designá-lo uns para os outros pela liberdade. Uma linguagem erigida à base dessa regra fundamental poderia ser chamada a linguagem originária ou a linguagem dos hieróglifos (*die Ur – oder Hieroglyphensprache*) (Fichte, 2017, p. 21).

Essa linguagem específica do momento inicial da comunicação da espécie humana é tomada por Fichte como ponto de partida do processo de complexificação da linguagem. Esse processo é marcado por graus de desenvolvimento, dos gestos aos acenos, da combinação de objetos às demais relações entre indivíduos que comunicam por e pela necessidade de sobrevivência até uma nova vida mediada pela linguagem que se apresenta na deliberação. O pensador idealista considera:

Ora, quanto mais os homens avançaram nesse modo de designação que se distancia da natureza, mais vivamente tiveram de se ver forçados a admitir, mesmo na mais apressada atenção a si mesmos e ao seu modo de expressar-se, que, como se podem expressar coisas para o ouvido de outro modo que não aquele pelo qual elas soam pela natureza, talvez fosse possível também designar através de um som coisas que em si não possuem som? (Fichte, 2017, p. 26).

Além dessa indagação, Fichte faz a afirmação de que o movimento de transformação da linguagem e o movimento de transformação das sociedades se dão numa relação inversa com a cultura. Isso significa que, "quanto mais foi desenvolvida – a cultura (*Ausbildung*) –, menos avança – a linguagem; quanto menos cultivada (*uncultivirter*) ainda é, mais se modifica" (Fichte, 2017, p. 21, 24). Tal constatação explica por que é tão difícil atentar para os primeiros passos da linguagem e para as especificidades do pensamento desse movimento originário em dias de extrema complexidade linguística. É deveras complexo retornar ao fundamento da linguagem quando vivemos num mundo de linguagem ampliada, que já superou, deixando de depender muitas vezes da linguagem clássica. Porém parece ser justamente esse retorno que possibilita entender não só uma necessidade do pensamento sobre a justiça social em geral, mas também a raiz do movimento da teoria crítica a partir de Habermas.

3 A importância do pensamento de Fichte para a teoria crítica a partir dos anos 50

Como já dito, tratar da virada linguística em filosofia foi o ponto que permitiu resgatar a filosofia de Fichte como fundamental para a teoria crítica a partir dos anos 50. Para o estudo das normas e dos princípios que regulam as relações humanas dentro de uma sociedade a fim de garantir a justiça e a boa convivência, inevitavelmente parte-se da ideia de que a relação dos indivíduos só é possível pela intersubjetividade, esta que está enraizada na compreensão pela língua [*sprachliche Verständigung*].

Fichte, quando apresenta a vida da linguagem no processo de formação das sociedades, ilumina o caminho do pensamento para o aparentemente mais simples¹⁰, o início do desenvolvimento da linguagem. Esquecemos que, no início do desenvolvimento das sociedades (concomitantemente ao início do desenvolvimento da linguagem), o que movia os seres humanos era apenas uma

¹⁰ Constata-se na tentativa de arriscar uma resposta para a seguinte questão: "Como se chegou então a expressões de conceitos

vida melhor, com menos perigos, com estratégias eficazes de proteção e que, para isso, fora preciso criar, de antemão, uma linguagem de confiança entre aqueles que se comunicavam. A justiça nascia também aí, nesses termos mais crus, na confiança de que se estava construindo um local no qual a vida humana pudesse fluir. Ao voltarmos a atenção, com Fichte, para o fundamento da linguagem como um impulso humano acionado pela relação recíproca para tornar a si mesmo, as coisas e as relações entendíveis; ao compreendermos o desenvolvimento histórico da linguagem em graus que acompanham a complexificação das sociedades e evidenciando uma movimentação única e íntima da liberdade: resgatamos também os princípios da justiça social no bem viver comunicativo.

Esse movimento, além de ter sido resgatado pela virada linguística, é evidente na teoria crítica especialmente a partir de Habermas, quando este mesmo aciona em sua abordagem a percepção da intersubjetividade linguística da ação social. Dessa forma, a compreensão mútua aparece como uma espécie de pressuposto fundamental para o desenvolvimento das sociedades mais justas.

De maneira mais abrangente, pode-se dizer que linguagem significa ação e, estando ambas intimamente ligadas pela cultura, caberia considerar o contexto como ponto essencial para a justificação das ações sociais. Essa é a esteira do pensamento de Rorty, que possui em seu desenvolvimento divergências e convergências com a filosofia de Habermas, as quais são discutidas por eles nos respectivos textos: *Resposta a Jürgen Habermas* e *A virada pragmática de Richard Rorty*, ambos de 2005. O que interessa aqui não é entrar nas trincheiras dos desacordos entre Habermas e Rorty, mas evidenciar que, embora elas existam¹¹, os pensadores da atualidade carregam nas suas abordagens as marcas da virada linguística. Ao falar sobre verdade e racionalidade, Habermas e Rorty concordam que são construções práticas

mediadas pela linguagem em sua concepção mais íntima e originária, no caminho da argumentação pelo fundamento de Fichte:

A própria fala se realiza na forma de atos de fala, que por sua vez repousam sobre contextos de interação e estão entrelaçados com ações instrumentais. Como atores, isto é, como sujeitos integrantes e intervenientes, já estamos sempre em contato com as coisas acerca das quais podemos fazer afirmações. Esta concepção de linguagem supõe indivíduos socializados que compartilhem certas convicções com relação ao mundo, de forma que este seja objetivo e independente das nossas descrições (Habermas, 2005, p. 185).

O tema da linguagem esteve presente desde os pensamentos iniciais da teoria crítica, quando da preocupação de Horkheimer com as separações operadas pela teoria tradicional. Entretanto, nesse período, havia mais destaque à própria problemática da teoria em relação à prática. Sendo assim, é importante observar que em Habermas as relações na linguagem – ação, conhecer, agir – se dão em um grau teórico mais avançado, de modo que são entendidas como momentos distintos, porém complementares, em movimento dialético. Nessa movimentação, emerge o que Habermas chama de "racionalização do Mundo da Vida". Para Habermas, o princípio da integração social seria mesclado

[...] entre (a) mecanismos que representam uma comunicação linguística orientada por pretensões de validade, nos quais emergem de forma cada vez mais pura a racionalização do Mundo da Vida e (b) os meios de controle deslinguistizados através dos quais se diferenciam os subsistemas de ação orientados ao êxito (Habermas, 1988, p. 437, tradução nossa).

Entende-se, portanto, que o Mundo da Vida é mais amplo do que a ideia de contexto, por integrar de forma complementar a ideia inicial de ação comunicativa e poder ser largamente definido como "o acervo do saber" (Habermas, 1988, p. 178, tradução nossa). Neste, acontecem reflexões que reivindicam a explicação das ações sociais, assim como a justificação das ações

universais como, por exemplo, o de árvore?" (Fichte, 2017, p. 27).

¹¹ Brevemente, poderíamos considerar que, ao contrário de Rorty, Habermas daria mais atenção à racionalidade do que ao contexto. Ver mais em: FRAGA DANTAS, L. (2019). Rorty e Habermas: Nota sobre duas concepções de verdade. *Argumento*, (10), 133-142.

justas ou injustas.

Novamente regressando a Fichte na busca pela reflexão da linguagem e das ações sociais através de uma filosofia centrada no mundo social, é interessante notar que toda a ideia desenvolvida pela teoria crítica a partir dos anos 50 já havia se desprendido, em parte, das amarras do transcendentalismo. É esse fato que possibilita a ideia de um espaço comunicativo fértil e praticamente livre do socorro das respostas milagrosas. A responsabilidade pela criação e recriação das ações sociais pela linguagem é unicamente do homem. À luz dos ensinamentos de Platner¹², Fichte (2017, p. 63) parte da "explicação da linguagem através de uma investigação própria (*Selbsterfindung*)", pois o ser humano "[...] não existe de forma isolada. Ele se torna homem somente pelo vínculo com o seu igual" (Fichte, 2017, p. 65).

Essa direção de pensar explica muita coisa, dentre elas, o impulso humano de personificar, quando não o de divinizar as coisas e os fenômenos: "Tudo isso são ramos do mesmo impulso do homem ou seja, o de admitir um ser igual fora de si" (Fichte, 2017, p. 65). A esse impulso deve-se a necessidade da linguagem, mas, antes de tudo, a possibilidade de explicar e responder as questões humanas a partir de uma obra propriamente humana, que, portanto, apenas se perdeu de seu caminho quando atribuiu ao divino o que lhe era próprio: a liberdade¹³. O espaço comunicativo, o lugar de discutir as ações humanas é, portanto, um lugar de poder do ser humano social na sua mais íntima formação, guiado pela razão, não pelo milagre ou pela violência. "O homem quer dominar, mas enquanto permanece entregue a si mesmo e não se encontra fundamentalmente corrompido, quer dominar pela razão e não pela violência, quer que a sua opinião seja aprovada,

que a achem verdadeira e boa" (Fichte, 2017, p. 65).

O impulso originário de tornar o ideal real pela linguagem vai se modificando pela racionalidade, o homem conhece a verdade numa estrutura criada por e para ele mesmo. Quando o homem transfere o impulso originário para o milagre ou para a violência é porque foi corrompido por caminhos estranhos aos da racionalidade, perde-se de si. Para Fichte, a natureza do homem é agir racionalmente, e uma prova disso é o desenvolvimento da linguagem, ao aceitar a liberdade e a razão fora de si racionalmente, na interação pelo discurso e não sucumbindo à violência, ao milagre ou, ainda, à violência do milagre.

A disposição de ânimo que faz com que o homem queira usar a violência e diga que os homens podem mesmo odiá-lo, mas desde que o temam, é totalmente antinatural e se apresenta apenas na mais extrema corrupção. Que o homem queira dominar resulta de que estamos inclinados a admitir razão e liberdade fora de nós, mas também a aceitar que vigorem (Fichte, 2017, p. 65).

Essa natureza reflexiva do poder será retratada no decorrer da esteira do Mundo da Vida habermasiano e atesta sua persistência na história do pensamento da teoria crítica desde os anos 50, quando o admirador declarado de Habermas aqui já citado afirma que "um [...] espaço discursivo deve ser entendido como um espaço de poder [...]" (Forst, 2018, p. 28)¹⁴. Portanto, desde Fichte, passando por Habermas e Forst, argumenta-se pela compreensão da liberdade humana como manifestada pela força do poder na sua forma mais verdadeira, naquilo que se entende como espaço comunicativo reflexivo. À guisa de conclusão e no despertar de novas indagações sobre o tema, observa-se a influência do pensamento de Fichte na crítica sobre as reflexões que reivindicam a necessidade de explicar e entender a

¹² O pensamento sobre a linguagem em Fichte é influenciado pelos *Aforismos filosóficos* (1793) de Platner. No posfácio do livro *Da capacidade linguística e da origem da linguagem*, onde encontra-se a tradução do texto de Platner, Ricardo Barbosa (2017, p. 87) afirma: "[...] é certo que Fichte o escreveu a partir do material preparado para as suas preleções sobre lógica e metafísica, realizadas com base nos *Aforismos filosóficos* (1793)". Ver mais em Barbosa (2017). Sobre a relação entre Fichte e Platner no período em que Fichte fora professor universitário em Jena (1794-1799), ver mais em Garcia (2020).

¹³ "[...] do impulso de transferir a liberdade para tudo, provém também a crença no milagre" (Fichte, 2017, p. 65).

¹⁴ "O poder é sempre de natureza discursiva e a luta pelo poder é a luta pela possibilidade de estruturar ou dominar o repertório de justificações do outro. Seu *modus operandi* é cognitivo, mas né incondicionalmente de natureza reflexiva. Por conseguinte, não existe um reino da 'razão' para além do 'poder', mas já justificações melhores e piores, racionais e irracionais, ao lado das efetivas e menos efetivas" (Forst, 2018, p. 26). Ver mais em Forst (2018, p. 9 -35).

profundidade das ações sociais, desenvolvendo justificações coerentes para fenômenos justos ou injustos.

Considerações finais

O esforço fichteano de mostrar o desenvolvimento da linguagem concomitantemente ao desenvolvimento das sociedades interessa para entender a teoria crítica dos anos 50 porque abre uma espécie de clareira para a forma reflexiva da razão que permeia as discussões sobre a intersubjetividade nas relações entre teoria e prática no universo do direito. Dessa forma, tanto o pensamento sobre a justiça social quanto o pensamento sobre a elaboração de estratégias para uma sociedade mais justa encontram no estudo do comportamento linguístico um viés seguro para se efetivarem. Em tempos de vida mediada pela linguagem ampliada, esta moldada por algoritmos e contextos digitais, atentar com Fichte para o fundamento da linguagem concomitantemente à mudança de abordagem operada pela teoria crítica faz recordar os princípios de formação de sociedades na sobrevivência mútua, na confiança, nos espaços comunicativos e reflexivos, portanto, nos movimentos originários da justiça social.

Referências

- BARBOSA, Ricardo. *Razão e linguagem em Fichte*. In: FICHTE, Johann Gottlieb. *Da capacidade linguística e da origem da linguagem*. Organização, tradução, notas e posfácio de Ricardo Barbosa. São Paulo: Paulus, 2017. p. 87-105.
- CONANT, J. Elucidation and Nonsense in Frege and Early Wittgenstein. In: CRARY, A.; READ, R. (ed.). *The New Wittgenstein*. Oxon: Routledge, 2005. p. 174-217.
- FICHTE, Johann Gottlieb. *Da capacidade linguística e da origem da linguagem*. Organização, tradução, notas e posfácio de Ricardo Barbosa. São Paulo: Paulus, 2017.
- FORST, Rainer. Sobre a ideia de uma crítica das relações de justificação. In: FORST, Rainer. *Justificação e Crítica: Perspectivas de uma teoria crítica da política*. Tradução de Denilson Luis Werle. São Paulo: Unesp, 2018. p. 9-35.
- GARCIA, Luis F. Ernst Platner e a história pragmática da alma". *Dois Pontos*, São Carlos, v. 17, n. 1, p. 77-87, ago. 2020.
- HABERMAS, Jürgen. A virada pragmática de Richard Rorty (Contextualismo, razão e naturalização). In: SOUZA, José Crisóstomo (org.). *Filosofia, Racionalidade, Democracia: Os debates Rorty & Habermans*. São Paulo: Unesp, 2005.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la Acción Comunicativa*. Tradução de Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1988.

HONNETH, Axel. Teoria Crítica. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. *Teoria Social Hoje*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. São Paulo: Unesp, 1999. p. 503-552.

LUFT, E. Coerência e Verdade. In: ALVES, Eduardo et al. (org.). *Socratically*. A Festschrift in Honor of Claudio de Almeida. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2021.

PLATNER. Aforismos filosóficos. In: FICHTE, Johann Gottlieb. *Da capacidade linguística e da origem da linguagem*. Organização, tradução, notas e posfácio de Ricardo Barbosa. São Paulo: Paulus, 2017.

RORTY, Richard. Resposta a Jürgen Habermans (Realidade objetiva e comunidade humana). In: SOUZA, José Crisóstomo (org.). *Filosofia, Racionalidade, Democracia: Os debates Rorty & Habermans*. São Paulo: Unesp, 2005.

RORTY, Richard. Wittgenstein and the linguistic turn. In: RORTY, Richard. *Philosophy as cultural politics: Philosophical Papers*. v. 4. New York: Cambridge University Press, 2007. p. 160-175.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Wersausgabe in 8 Bänden*. Frankfurt: Suhrkamp, 1984.

Gabriela Nascimento Souza

Professora substituta da Graduação em Filosofia – LP na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Doutora em Filosofia (Metafísica e Epistemologia) pela PUCRS com doutorado sanduíche financiado pela CAPES/PRINT na Universidade de Bonn (Alemanha) (2021), mestre em Filosofia (Estética e filosofia da arte) pela UFF (2014) e graduada em Filosofia (Ética e política) - LP pela Universidade de Passo Fundo (2011). Acadêmica do Curso de Direito da Universidade de Passo Fundo e integrante do grupo de pesquisa Direito, Moral e Política: diálogos e perspectivas a partir da teoria crítica coordenado pelo Prof. Dr. Márcio Hammel.

Endereço para correspondência

GABRIELA NASCIMENTO SOUZA

gabrielansouzaa@gmail.com

Como citar este artigo

Nascimento, G. Justiça social e linguagem: A importância do pensamento de Fichte para a teoria crítica a partir dos anos 50. *Veritas* (Porto Alegre), e48552. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2026.1.48552>

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.